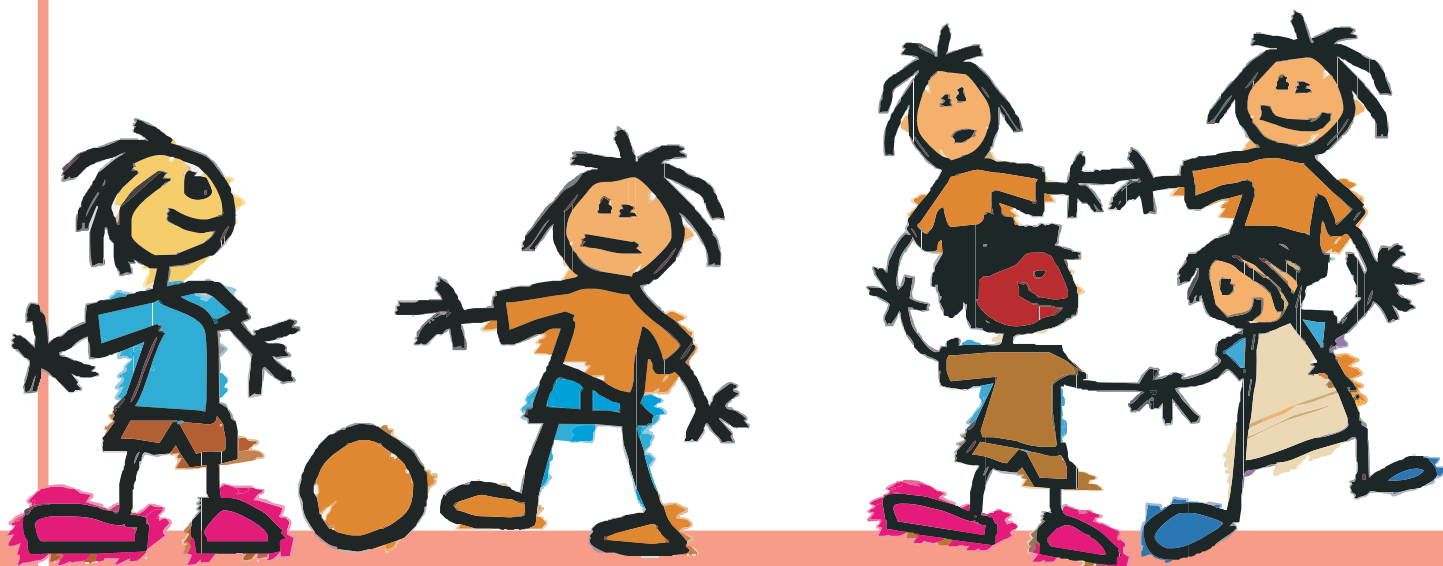




COLEÇÃO PROINFANTIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ministério da Educação
Secretaria de Educação a Distância
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



COLEÇÃO PROINFANTIL

MÓDULO II

UNIDADE 5

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2

Karina Rizek Lopes (Org.)
Roseana Pereira Mendes (Org.)
Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2005

Ficha Catalográfica – Maria Aparecida Duarte – CRB 6/1047

L788

Livro de estudo: Módulo II / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005.
66p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 5)

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO II

UNIDADE 5

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



SUMÁRIO

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 8

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS E DA SUBJETIVIDADE PELA CRIANÇA E O DESENVOLVIMENTO DA

FUNÇÃO SIMBÓLICA 9

Seção 1 – Interações sociais e a construção do conhecimento e da subjetividade 11

Seção 2 – A brincadeira, a imitação e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade..... 18

Seção 3 – A construção da autonomia pela criança 25

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

A COMUNICAÇÃO COM BEBÊS E COM CRIANÇAS PEQUENAS..... 33

Seção 1 – Imitar é conhecer: interações e desenvolvimento infantil..... 35

Seção 2 – O que é e o que não é brincar? Pode-se dizer que o bebê brinca? 46

Seção 3 – O desenvolvimento pela criança de sua capacidade de fazer de conta, de agir a partir de sua própria capacidade de imaginar 55

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 62

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS E DA SUBJETIVIDADE PELA CRIANÇA E O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO SIMBÓLICA

O pirata
O menino brinca de pirata:
sua espada é de ouro
e sua roupa de prata.
Atravessa os sete mares
em busca do grande tesouro.
Seu navio tem setecentas velas de pano
e é o terror do oceano.
Mas o tempo passa e ele se cansa
de ser pirata.
E vira outra vez menino.

Roseana Muray¹



¹ Roseana Muray, escritora, tem várias obras dedicadas às crianças. Esta poesia faz parte do livro *No mundo da lua*, publicado pela Editora Miguilim.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Amigo(a) professor(a), estamos juntos em mais esta oportunidade de estudar as ações das crianças e compreender o seu desenvolvimento, tarefa fundamental para que possamos promovê-lo no cotidiano das creches, pré-escolas e escolas que atendem a Educação Infantil.

Nossa proposta é conversarmos sobre o que observamos diariamente no trabalho com as crianças ou em situações comuns em nossa cultura. Nossas observações nos permitem acompanhar a maneira de a criança ser, modificar-se e alcançar novas formas de relação com o seu meio. A questão que guia nossa reflexão é: *como cada criança conhece, constrói uma forma pessoal de agir, sentir e pensar, e cria novos elementos em sua cultura, “dando asas à sua imaginação”?*

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Esta unidade pretende dar a você elementos para compreender o processo de construção de conhecimentos como algo que ocorre ao longo de toda a vida. Este processo é orientado pelas capacidades já desenvolvidas pelo sujeito, mas é constituído nas interações sociais que, desde cedo, cada sujeito e seus diferentes parceiros estabelecem em situações cotidianas.

Chamamos sua atenção para a função mediadora do(a) professor(a), seu papel de recurso no desenvolvimento da criança, e destacamos a importância das interações com companheiros de idade. Discutimos a brincadeira infantil como um recurso privilegiado para promoção do desenvolvimento da criança pequena. Todas as leituras, finalmente, têm o objetivo de nos levar a refletir sobre *como ajudar a criança a promover sua autonomia para agir nas diversas situações criadas em nossa cultura.*

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

O tema desta unidade será analisado em três seções: na primeira, estudaremos como as interações que a criança estabelece com parceiros adultos e com outras crianças no seu dia-a-dia contribuem para a formação, ou construção, de sua forma de conhecer e de sentir o mundo e a si mesma; na segunda seção, estudaremos alguns pontos que tratam da brincadeira infantil e sua função no desenvolvimento da criança e como as instituições de Educação Infantil podem promovê-la; e na terceira seção, trataremos da construção da autonomia pela criança pequena. No decorrer desta unidade, sugerimos que você desenvolva algumas atividades em seu trabalho e, depois, as registre em seu caderno. Vamos lá?

Seção 1 – Interações sociais e a construção do conhecimento e da subjetividade

ESTA SEÇÃO TEM OS SEQUINTES OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- DISCUTIR COM VOCÊ E SEUS(SUAS) COLEGAS DO PROINFANTIL ALGUNS PROCESSOS ENVOLVIDOS NAS INTERAÇÕES QUE AS CRIANÇAS ESTABELECEM COM DIFERENTES PARCEIROS.*
- ANALISAR O VALOR DESTAS INTERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA SUBJETIVIDADE.*
- DISCUTIR A FORMAÇÃO DE LAÇOS DE AMIZADE, DE RELAÇÕES DE COOPERAÇÃO E A OCORRÊNCIA DE CONFLITOS ENVOLVENDO AS CRIANÇAS DE ATÉ 6 ANOS.*

Teremos oportunidade de discutir observações de situações cotidianas de interações entre crianças e a evolução destas interações para relacionamentos sociais mais estáveis com o decorrer do tempo. Esperamos que isso possa ajudar no seu trabalho como docente da Educação Infantil!



É importante, para o(a) professor(a), saber como a criança conhece o mundo e constrói um modo próprio de agir em diferentes situações. Quando observamos atentamente os bebês, vemos que, desde o nascimento, eles realizam uma verdadeira atividade de pesquisa do mundo, buscando compreendê-lo, testando de alguma forma as significações que constroem sobre ele. Isto ocorre cada vez que os bebês experimentam uma sensação de desconforto, de incerteza diante de uma situação nova, que cria neles necessidades e desejos e exige deles novas respostas.

Por exemplo, uma criança de 7 meses pode agir de modo tranquilo em relação a pegar um carrinho de madeira, colocado no chão perto dela. Contudo, ela reage de um modo novo quando colocamos um pano sobre o objeto. Como ela não

mais o enxerga, ela pára de procurar o brinquedo. Esta situação exemplifica um momento em que há um desequilíbrio nas formas de ação até então usadas pela criança na relação com o objeto. Este desequilíbrio perdura até que a criança, algum tempo depois, verifica que o carrinho não deixa de existir quando o escondemos dela, podendo ser retirado de debaixo do pano. A descoberta agrada muito a criança e se torna um fator fortalecedor das suas possibilidades de ação, reequilibrando seus esquemas: pegar um objeto, escondê-lo sob algo e buscá-lo, reiniciando um ciclo de ações que vai sendo aperfeiçoado.



Os textos das Unidades 1 e 2 deste módulo apresentam a teoria de Jean Piaget sobre o modo como a criança constrói seu conhecimento num processo de assimilação e acomodação. Seria interessante reler esses textos para melhor compreensão dos temas abordados nesta unidade.

O bebê é um ser ativo em seu processo de desenvolvimento. Ao nascer, ele já apresenta condições iniciais para perceber e reagir às situações, sobretudo aos parceiros diversos que formam seu meio humano: seus familiares, vizinhos, pessoal da creche. O bebê procura ajustar seus meios de expressão (gritos, gesticulações) para obter ajuda para a satisfação de suas necessidades (de início fisiológicas, e depois também afetivas e cognitivas) e construir significados conforme os adultos que o rodeiam respondem.

Por outro lado, o bebê apresenta uma grande imaturidade motora. É difícil para ele realizar atos motores mais complexos, como se locomover, sentar, levantar, subir, descer, comer, se vestir etc., o que lhe impõe um período longo de dependência de outros seres humanos, crianças ou adultos.



No decorrer de sua experiência, conforme realiza uma tarefa com outras pessoas – uma atividade de cuidado pessoal, ou de exploração do meio, por exemplo, e especialmente nos momentos de conversa, ou de brincadeiras – a criança se apropria de meios para memorizar, expressar-se, solucionar problemas, criados na interação com as pessoas com quem convive.

Nas muitas interações que as crianças estabelecem com o(a) professor(a) e com companheiros na creche, na pré-escola ou na escola, a partir de seus movimentos, gestos, sons, palavras, imagens, múltiplas ligações vão se formando entre os assuntos que as crianças exploram, desencadeando, também, confrontos de significações. Além disso, seus parceiros criam situações que possibilitam às crianças aprenderem normas de agir e de se relacionar com outras pessoas.

A imagem a seguir mostra um quadro de Pierre Auguste Renoir, pintor francês que nasceu em 1841, onde ele retrata seu filho brincando com Gabrielle, uma jovem que foi morar com a família do artista aos 16 anos. As cores fortes sugerem uma cena de calor humano, onde há interação entre as pessoas que dela participam.



Auguste Renoir, "Criança com brinquedos"
Gabrielle e o filho do artista, Jean – 1894

Vamos agora refletir sobre os fatores que intervêm nas interações sociais das quais as crianças participam.

- 1. Sendo uma ação compartilhada, a interação é influenciada pelas características de ambos os parceiros: as da criança e as da mãe ou outra pessoa.*
- 2. A contribuição da criança evidentemente depende de seu nível de desenvolvimento: se é um bebê que começa a engatinhar, se é uma criança de 4 anos com bom domínio da fala etc. Este nível de desenvolvimento influencia a resposta do adulto (mãe, pai, professor(a), avó) que cuida dela ou de outra criança que interage com ela.*
- 3. A maneira como seu meio social vê a criança, as representações sociais que as pessoas têm do que é ser criança e as idéias comuns que circulam sobre ela são fatores importantes no desenrolar das interações. Mesmo antes de nascer, seus familiares pensam na criança como um ser cheio de significados, e diferentes expectativas sobre ela são criadas. Os adultos organizam o cotidiano da criança, desde cedo, conforme entendem as possibilidades de desenvolvimento de que ela dispõe (se acreditam que já é capaz de realizar uma certa ação) e as expectativas que eles têm de seu desenvolvimento (por exemplo, se crêem que ela será um líder no seu grupo ou se será uma pessoa mais dependente da orientação de alguém).*
- 4. Não apenas cada criança se modifica neste processo, mas também os adultos e as demais crianças que com ela interagem têm oportunidade para se desenvolverem.*

A partir das experiências com seus parceiros, a criança constrói maneiras mais elaboradas de perceber, tomar decisões, lembrar-se de algo, emocionar-se com alguma coisa, maneiras que são historicamente construídas em sua cultura. Conclui-se, assim, que ser acolhido e atendido em suas necessidades, ter amigos, conversar, explorar o mundo e brincar com alguém são alguns dos principais elementos que contribuem para o desenvolvimento infantil.

ATIVIDADE 1

Os temas estudados nesta unidade até o momento mostram que é no confronto com os parceiros em situações cotidianas que nós vamos construindo nossa forma de agir, sentir e pensar. Que relação você percebe entre esta afirmação e seu trabalho como professor(a) de Educação Infantil? Sugerimos que você escreva sobre isso em seu caderno.



Resumindo o que vimos até aqui, as diversas situações cotidianas que ocorrem nas creches, pré-escolas e escolas possibilitam à criança a construção de novos significados e a modificação de outros anteriormente formulados, conforme seu(sua) professor(a), ao organizar a atividade e selecionar os materiais para serem explorados, lhe apresenta modelos de ação, orientações, ou exemplos. Portanto, no contexto da Educação Infantil, as formas como o(a) professor(a) atuará dependerão muito das características e necessidades da criança e dos significados que ele(a) e a criança emprestam à situação vivida. Mas é preciso lembrar que estes significados podem ser diferentes entre si.

ATIVIDADE 2

Após a leitura do texto, e tomando como base sua experiência com crianças, procure escrever pelo menos três objetivos educacionais que, na sua opinião, um(a) professor(a) que atua na Educação Infantil deve perseguir em seu trabalho. Você pode escrever esses objetivos em seu caderno e no encontro quinzenal com seus(suas) colegas do PROINFANTIL discutir os objetivos anotados pelos componentes de seu grupo.

Abordaremos agora outro ponto ligado ao que já estudamos: o bom desempenho do(a) educador(a) junto às crianças requer o exame das relações que elas estabelecem entre si em diferentes situações. Sabemos que, desde pequenas, as crianças, ao interagirem com seus colegas, estabelecem atos cooperativos, se imitam, criam diálogos, disputam objetos e brigam ou se

consolam. Estas situações, tão freqüentes nas creches, pré-escolas e escolas, são grandes momentos de desenvolvimento, e tão importantes que os(as) professores(as) devem criar condições para as crianças lidarem com elas positivamente.

A situação descrita abaixo ilustra como os conflitos podem ser positivos para o desenvolvimento das crianças, dependendo do modo como o(a) professor(a) atua como mediador(a) na situação.

Andréa é professora de uma turma de crianças de 3 anos. É hora do lanche. A professora está sentada com as crianças em torno de uma mesa coletiva, onde todos lancham. Sara, uma das crianças, quer um biscoito de Bruno, seu colega de sala, mas ele não quer dar o biscoito à menina. Sara insiste, Bruno resiste. Chorosa, a menina vai até a professora: "ele não quer me dar o biscoito!" A professora responde: "por que você não oferece um biscoito seu para ele e vê se ele quer trocar?" Sara aceita a sugestão da professora e Bruno, por sua vez, aceita a troca. Sara olha para Andréa e sorri, já com o biscoito desejado na boca.



ATIVIDADE 3

Como você analisa a atitude da professora? De que modo tal atitude contribuiu para a solução do conflito entre as crianças?

As interações que as crianças estabelecem entre si favorecem a manifestação de saberes já adquiridos e a construção de conhecimentos compartilhados, de símbolos coletivos e de soluções comuns. Na relação com os parceiros, as crianças aprendem que ser membro de um grupo envolve **competências** para concordar com os demais membros ou contrapor-se a eles, ser dependente ou independente, líder ou seguidor. As relações interpessoais são, portanto, situações de crescimento pessoal. Contudo, as relações que as crianças estabelecem entre si não são sempre harmoniosas, mas também de rivalidade, criando situações difíceis para o(a) professor(a). Assim, disputas e oposições são situações bastante freqüentes no cotidiano das instituições de Educação Infantil.

ATIVIDADE 4

Com sua experiência como professor(a) de Educação Infantil, você pode fazer uma lista de situações que você observa na instituição onde trabalha em que há interações criança-criança, assinalando qual o tipo de interação vivida em cada situação (brincadeira, conflito, cooperação, cuidado etc.) e o ambiente onde ela se dá. Depois, ao reler a lista, você pode escrever como você e/ou outros(as) professores(as) poderiam auxiliar as crianças nessas interações.

ATIVIDADE 5

O quadro que você preparou, observando as interações entre as crianças, levou você a descobrir algo novo sobre a maneira como seus alunos interagem? O quê? A comparação com os quadros elaborados por seus(suas) colegas do PROINFANTIL pode ser uma atividade interessante para ser desenvolvida no próximo encontro quinzenal.

Favorecer as interações entre crianças da mesma idade e de idades diferentes em creches, pré-escolas e escolas pode ajudá-las a lidar com seus impulsos ao participar no grupo, a internalizar regras, adaptando seu comportamento a um sistema de controle e sanções, a ser sensível ao ponto de vista do outro,



a saber cooperar e a desenvolver uma variedade de formas de comunicação para expressar sentimentos e conflitos. Isto inclui a construção de relações diversificadas em uma atmosfera afetiva, na qual cada pessoa seja objeto de consideração pelos demais.

ATIVIDADE 6

Como você tem trabalhado com os grupos de crianças? Que situações você observa que promovem mais cooperação? Em que situações é freqüente a ocorrência de conflitos? Como o(a) professor(a) pode agir nos dois tipos de situação?

Maiores cooperação ocorre quando...	O professor pode...	Mais conflitos ocorrem quando...	O professor pode...

Após a realização da atividade, talvez você possa discutir com seus(suas) colegas do PROINFANTIL, no próximo encontro quinzenal, o quanto a ocorrência de cooperação ou conflito está associada a condições do ambiente em que as crianças estão: o tamanho do grupo, o espaço físico existente, o horário da atividade, os objetos disponíveis, o tipo de atividade etc. Você pode anotar as conclusões a que vocês chegaram em seu caderno.

Seção 2 – A brincadeira, a imitação e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade

O OBJETIVO DESTA SEÇÃO É:

- ANALISAR A BRINCADEIRA COMO FORMA PRIVILEGIADA DA ATIVIDADE INFANTIL, DESTACANDO SUA IMPORTÂNCIA NO ESTABELECIMENTO DE LAÇOS DE COOPERAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO E DA CRIATIVIDADE.



Vamos, nesta seção, nos dedicar um pouco mais a uma ação com a qual as crianças freqüentemente se envolvem: a brincadeira. Iremos reexaminá-la, de modo a pensar como integrá-la à proposta pedagógica da creche ou pré-escola. Esta importante atividade é abordada também em outras unidades deste Módulo II, especialmente na Unidade 7.

Há diferentes concepções e teorias sobre o jogo, cada uma delas relacionada com certa concepção de criança presente em uma determinada cultura. O termo “jogo” não tem um sentido único. Brincar de ciranda pode ser entendido como uma brincadeira, enquanto que o faz-de-conta de casinha, ou o jogo de xadrez são denominados jogos. Todavia, muitos autores não fazem distinções entre os termos jogo e brincadeira, usando-os como sinônimos.

O jogo não existe apenas para a espécie humana. Vários mamíferos se ocupam de simular perseguições e fazer explorações do meio, desligadas de objetivos de sobrevivência. Estas atividades são chamadas *brincadeiras* e estão voltadas para o aprendizado de determinados comportamentos. Gatinhos, por exemplo, passam muito tempo brincando de perseguirovelos de lã, como vemos com frequência. O jogo humano difere, contudo, de modo significativo do jogo animal, por requerer a capacidade de comunicar-se simbolicamente através de diferentes linguagens, para tomar certas decisões, criando o novo. A grande diferença é que os animais realizam essas ações por instinto, enquanto que, para os seres humanos, o papel da sociedade e da cultura é fundamental.



Minha forma de diversão predileta. Renata, 6 anos.

É a necessidade psicológica que motiva o lúdico. Em outras palavras, não se pode brincar se não se deseja. Entretanto, este desejo pode ser estimulado por outras pessoas, assim como pelo próprio ambiente, embora a ação do sujeito no jogo ou brincadeira deva ser espontânea. O jogo e a brincadeira são também atividades submetidas às próprias regras e não às regras sociais rígidas das situações concretas. São instrumentos de expressão que possibilitam alguma variabilidade.

As crianças encontram rapidamente as ações adequadas para participarem de um jogo ou brincadeira. Isto ocorre, por exemplo, quando a mãe introduz o bebê em certas ações não voltadas ao atendimento de uma necessidade imediata, como brincar com ele de “cuca!” ou “esconde-esconde”, e também pode ser observado quando as crianças iniciam repentinamente uma brincadeira de esconde-esconde sem combinarem isso previamente.

Ao brincarem de casinha, hospital ou escola, as crianças retomam com bastante fidelidade as características básicas de situações anteriormente vividas. Entretanto, a comunicação interpessoal que a brincadeira envolve não pode ser considerada “ao pé da letra”: ela requer uma constante negociação de regras e a transformação dos papéis assumidos pelos participantes, fazendo com que seu desenrolar seja sempre imprevisível. Com isso, a brincadeira cria espaço para a novidade. Ela evolui com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, porque envolve sua personalidade e sua forma de entender o mundo à sua volta.

ATIVIDADE 7

Faça uma lista de brincadeiras que você conhece. Depois assinale as que você costumava brincar em sua infância.



Pieter Bruegel, “Jogos infantis” – 1560

A imagem anterior mostra um quadro do pintor Pieter Bruegel, que viveu na Holanda entre 1525 e 1569. No quadro são retratadas 250 crianças envolvidas em brincadeiras da época. É interessante observar que algumas dessas brincadeiras fizeram parte também de nossa infância.

Uma brincadeira especialmente valiosa para o desenvolvimento infantil no período de 1 a 6 anos é o **jogo simbólico** ou **brincadeira de faz-de-conta**. Particularmente, ele é ferramenta para a criação da fantasia, para construir visões criativas da realidade. O faz-de-conta possibilita a construção de novas possibilidades de ação e novas formas de organizar os elementos do ambiente. Nossa meta agora é refletir sobre como isto se dá. Mesmo os adultos, quando dão asas à sua imaginação, de alguma forma “fazem de conta”, embora possam não utilizar a brincadeira para isto.

*Lili vive no mundo do faz-de-conta.
Faz de conta que isto é um avião, zum...
Depois aterrizou em pique e virou trem
Tuc, tuc, tuc, tuc...
Entrou pelo túnel chispando.
Mas debaixo da mesa havia bandidos.
Pum! pum! pum! pum!
O trem descarrilhou. E o mocinho? Meu Deus!
No auge da confusão, levaram Lili para a cama à força.
E o trem ficou tristemente derribado no chão,
Fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.*

Lili inventa o mundo, Mário Quintana.

A poesia acima “Lili inventa o mundo”, escrita por Mário Quintana, revela o papel que a imaginação desempenha na vida da criança e as múltiplas possibilidades que se abrem a partir da brincadeira de faz-de-conta. Abaixo, você pode conhecer um pouco mais sobre este autor, segundo ele mesmo se define.

Mário Quintana por Mário Quintana

“Nasci em Alegrete, em 30 de julho de 1906. Creio que foi a principal coisa que me aconteceu. (...) Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo. Nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.”

<http://marioquintana.blogspot.com/>

Brincar de fazer de conta cria condições para uma transformação marcante da forma de a criança ter consciência do mundo e de si mesma, por lhe exigir formas mais complexas de ação. Vejamos como isto se dá.

Os objetos manipulados no faz-de-conta são usados de modo simbólico, como substitutos para outros, através de gestos imitativos que reproduzem as posturas, expressões e verbalizações conhecidas pela criança. Por exemplo, uma vassoura deixa de ser percebida em suas características – objeto utilizado para varrer o chão – e passa a ser usada pela criança como se fosse um cavalo, conforme ela, em pé, coloca a vassoura entre suas pernas, segura seu cabo perto da ponta superior e saltita pelo ambiente como se trotasse.

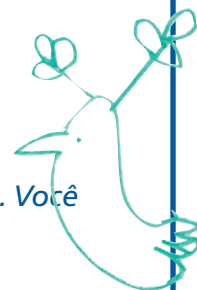
Na situação de faz-de-conta, a criança age cada vez mais guiada por imagens criadas a partir de sua experiência com outras vivências reais – as suas experiências na escola, por exemplo – adotando comportamentos diferentes dos que assume em outras situações de sua vida diária. Mais tarde, ela pode apenas fazer um gesto sem usar qualquer objeto para imitar o comportamento de pentear-se ou, ainda, pode dizer “já me penteei!”, sem executar um ato observável, e esta declaração ser usada como parte do enredo que está sendo criado na brincadeira. Com o desenvolvimento da criança, o jogo simbólico deixa de depender dos objetos e passa a apoiar-se mais nas idéias, imagens e regras construídas por ela para sua realização.

Ao mesmo tempo, ao representar o papel do outro no jogo, a criança começa a perceber as diferentes perspectivas envolvidas na situação. Por exemplo, ela pode ser o(a) professor(a), reproduzindo seus comportamentos, experimentando como acha que ele vê os alunos etc. Conforme têm maior experiência de criação de situações imaginárias, as crianças passam a ter maior controle sobre a história que está sendo criada, podendo planejá-la e distribuir os papéis que a compõem, com maior facilidade.

O jogo de faz-de-conta desenvolve-se a partir das atitudes e desejos dos “jogadores” e por uma disposição particular de certos objetos que dão apoio para a definição de uma situação, como casa de bonecas, supermercado, hospital etc., onde há determinadas regras.

ATIVIDADE 8

Observe, por alguns minutos, brincadeiras e jogos de crianças em pequenos grupos, procurando acompanhar como são construídos os enredos do faz-de-conta. A partir disto, faça um relato detalhado do que foi observado,



descrevendo os participantes, objetos, falas e gestos criados pelas crianças. Você pode usar seu caderno para registrar este relato.

Vamos agora analisar dois elementos associados ao jogo infantil: a imaginação e a criatividade.

A imaginação é um atributo de todo ser humano e se desenvolve durante toda a vida. Ela é livre, embora ainda pobre na criança, enquanto que o adulto, por ter uma experiência mais diversificada, pode experimentar uma função imaginativa extremamente rica e madura.

Por outro lado, inventar algo não é tarefa de uma só pessoa. Mesmo as grandes descobertas resultam do acúmulo de experiência de uma ou várias gerações de pessoas. Não se fala, assim, de um criador isolado, mas de um ambiente onde a criatividade é estimulada. A ação criativa necessita da imaginação, que, na criança, se desenvolve especialmente através do jogo simbólico, que a envolve como um todo, mas também por meio do desenho, da narrativa de histórias, entre outras atividades.

ATIVIDADE 9

Prepare um curto texto para explicar aos(às) colegas do PROINFANTIL o valor da brincadeira e do jogo na aprendizagem. A leitura deste texto pode ser uma das atividades a serem desenvolvidas no próximo encontro quinzenal do seu grupo.

ATIVIDADE 10

Procure observar como o jogo de faz-de-conta das crianças é vivido na creche, pré-escola ou turma de Educação Infantil da escola em que você trabalha. Para isto, faça um relato de situações de faz-de-conta observadas em alguns dias e registre-as, seguindo o roteiro abaixo, em seu caderno:

Data	Local	Crianças	Objetos	Tema
22.05	Pátio	Ana, Rui (5a)	Carrinhos	Fórmula 1
22.05	Pátio	José, Maria (3a)	Cestos, caixas	Ida às compras

Considerando o jogo como um elemento pedagógico, verificamos o quanto o papel do(a) professor(a) é importante. Mas igualmente importante é o papel das demais crianças e dos outros elementos que compõem a situação, como os objetos, adereços etc. Além de conhecer os jogos e brincadeiras infantis (seus temas, materiais, personagens etc.), para poder contribuir com o pensamento e a ação das crianças, o(a) professor(a) necessita ser criativo(a) e sensível para apoiar o desenvolvimento da criatividade das crianças no brincar. Precisamos, como professores(as), ter em mente que, para a criança envolver-se em brincadeiras, ela necessita sentir-se emocionalmente bem em relação aos adultos e às outras crianças presentes e precisa querer brincar. Daí que podemos organizar oportunidades para a realização de brincadeiras, deixando que as crianças circulem pelos ambientes e que se envolvam em diferentes tipos de jogos. Nesta situação, a atitude do(a) professor(a) que atua na Educação Infantil é a de ser um(a) observador(a) atento(a), voltado(a) para acompanhar a riqueza das interações infantis que aí ocorrem.

Observando os jogos simbólicos ou brincadeiras de faz-de-conta que as crianças estabelecem com os companheiros de idade, o apoio do(a) professor(a) pode auxiliar o grupo de crianças a entrar nos personagens e a agir a partir daí. A intervenção do(a) professor(a) deve basear-se em uma análise das situações criadas pelas crianças, tanto em relação a seu conteúdo (temas, personagens, clima emocional etc.) como a sua forma de acontecer (regras, materiais utilizados, organização do espaço, formas de cada criança desempenhar certos papéis).

A participação do(a) professor(a) no jogo simbólico ou brincadeira de faz-de-conta pode ocorrer de forma indireta, quando ele(ela) organiza os espaços e objetos que estruturam enredos e papéis adotados, cuidando para que as regras propostas pelo grupo sejam mantidas. Pode, excepcionalmente, ser uma participação direta, quando ele(ela) assume o papel de juiz em um jogo de regra ou em um jogo esportivo, ou mesmo fazendo o papel do(a) aluno(a) em uma brincadeira de escolinha.

Em outras ocasiões, as crianças mostram que querem brincar sozinhas. Neste caso, o(a) professor(a) terá uma excelente oportunidade para perceber a maneira como elas se organizam, suas competências na brincadeira, ou mesmo para observar uma criança que esteja lhe chamando a atenção.

As brincadeiras, dentre outras atividades, também contribuem na construção da autonomia pela criança. Vamos ver como?



Seção 3 – A construção da autonomia pela criança

*O OBJETIVO DESTA SEÇÃO:
REFLETIR SOBRE COMO A CRIANÇA
CONSTRÓI SUA AUTONOMIA A PARTIR
DAS INTERAÇÕES COM SEUS PARCEIROS,
ADULTOS OU CRIANÇAS.*

As reflexões sobre as interações e as brincadeiras infantis nos levam a pensar na criança como alguém que constrói sua independência e capacidade de decisão. Isso porque, ao brincar, a criança não apenas desenvolve sua imaginação e criatividade, como também se desenvolve, à medida que se comporta de modo diferente àquele próprio à sua idade. Quando observamos crianças brincando de casinha, por exemplo, as atitudes que a mãe ou o pai adotam com o bebê – de cuidado, proteção – reproduzem comportamentos diferentes daqueles adotados pelas crianças pequenas, e se aproximam do comportamento dos adultos.

Eugênio Sávio



No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade.

Lev Vygotsky

Esta afirmação de Lev Vygotsky, autor que você já teve a oportunidade de conhecer em outros textos deste módulo, aponta para a estreita relação entre a atividade de brincar e o desenvolvimento de novas formas de comportamento pela criança que permitem a ela maior autonomia.

Nesta última seção, discutiremos aspectos ligados ao desenvolvimento de atitudes de autocuidado, de **habilidades** para expressar seus sentimentos e idéias e para tomar decisões, bem como as questões relacionadas à autonomia moral.

A meta colocada pela Educação Infantil de promoção da autonomia da criança tem sido cada vez mais defendida. Para trabalhar por seu alcance, precisamos refletir sobre o que é autonomia e no que ela difere da independência, por exemplo.

Independência é a capacidade de executar uma tarefa sem ajuda de outra pessoa. Já a autonomia é a capacidade de o sujeito seguir suas próprias orientações na execução de uma tarefa, é a possibilidade de ele decidir e saber por que realiza aquela ação. Os dois aspectos nem sempre andam juntos. Por exemplo, todos nós adultos demonstramos independência para executar um enorme grupo de tarefas, mas, em muitas delas, não agimos de forma autônoma, consciente do porquê fazemos aquilo. Não mostramos ter autonomia para executá-las. Antes, seguimos regras gerais, alheias. Temos que aprender não só a sermos independentes, como também a agir com autonomia, e isto já começa na Educação Infantil.

Temos discutido ao longo desta unidade como a criança, ao nascer, tem uma relação de estreita dependência com o meio humano (seus familiares e outros parceiros mais experientes), que lhe ajuda a satisfazer suas necessidades básicas. Vimos também que é exatamente esta ligação inicial que ajuda a criança a criar suas formas de agir, sentir, comunicar-se e pensar.

Como você já viu em outras unidades, a dependência inicial de todo ser humano em relação às pessoas de seu meio vai sendo trabalhada na experiência diária da criança, que, cada vez mais, adquire capacidade para executar sozinha uma série de tarefas aprendidas na convivência com parceiros



mais experientes, que lhe ensinam modos de atender suas necessidades. Comer, banhar-se, usar o pinico ou a privada, pôr e tirar a roupa, buscar um objeto desejado, acender a luz, decidir o que fazer em cada situação, apreciar uma narrativa de história e fazer um desenho são exemplos de tarefas que as crianças aprendem a dominar, se forem ajudadas pelos contextos em que se desenvolvem.



ATIVIDADE 11

Pense em sua experiência na Educação Infantil. Que tipo de situação você acha que colabora na construção da autonomia pela criança e por quê? Que tipo de situação cotidiana você considera mais difícil para orientar as crianças a executarem-na com autonomia e por quê?

Ser autônomo, como sabemos, não significa não seguir regras! Entretanto, as regras podem ser definidas com a participação das crianças e dos(as) professores(as), num trabalho conjunto.

Uma professora da Educação Infantil que trabalha com crianças de 5 anos se queixava à coordenadora da dificuldade de fazer com que as crianças guardassem os brinquedos após cada atividade. A coordenadora sugeriu, então, que a professora colocasse todos os brinquedos em grandes caixas de papelão e solicitasse a elas que, em colaboração com a professora, decidissem onde cada brinquedo deveria ser guardado. Após algumas semanas, a professora observou que as crianças se sentiam mais responsáveis por manter a organização que elas mesmas haviam dado aos brinquedos, mostrando-se mais dispostas a guardá-los ao término de cada atividade.

As crianças, ao dependerem das experiências cotidianas que vivem em seu meio social, vão construindo uma forma própria de perceber as situações e de reagir a elas, considerando possíveis regras de ação que já foram estabelecidas. Sabendo disto, o(a) professor(a) que atua na Educação Infantil pode preparar situações e formas de estimular o desenvolvimento da autonomia pelas crianças, ou seja, sua capacidade de decidir, como ilustra a situação descrita no quadro anterior. É sempre bom lembrar que isso se torna possível à medida que o ambiente favorece tanto as interações entre as crianças como o acesso delas aos materiais. Armários, estantes e demais peças do mobiliário, assim como as instalações sanitárias, devem ser acessíveis às crianças.

As dificuldades que as crianças possam encontrar, inicialmente, para tomar decisões ou realizar algumas atividades de forma autônoma não são justificativas para que as impeçamos de decidir, mas nos coloca na condição de ajudá-las a conquistar sua autonomia, processo que irá se prolongar por toda a sua vida. Basta lembrar como nós, adultos, temos dificuldade de sermos autônomos, por exemplo, quando enfrentamos um problema de saúde, econômico ou mesmo emocional. Nesta hora, dependemos de um olhar amigo que nos ajude a pensar a situação.

A forma como o(a) professor(a) desempenha seu papel enquanto autoridade constituída, já que a criança ainda não desenvolveu plenamente sua autonomia, é particularmente importante, dado que a criança com frequência o imita na interação com companheiros.

Em função do que estamos estudando, espera-se que a organização curricular da creche e da pré-escola deixe de buscar um ambiente de silêncio e obediência, marcas de nosso passado cultural, mas não mais defendido no presente, e viabilize situações nas quais as crianças mostrem-se envolvidas, atentas ao que fazem, interativas, cooperativas, alegres e encorajadas a refletir sobre seus contextos sociais e as formas possíveis de neles interagirem.

PARA RELEMBRAR

- **Vimos que a interação social é o ponto básico no desenvolvimento das crianças e a importância de o(a) professor(a) ajudá-las a usarem certas habilidades motoras, emocionais e cognitivas, a agirem de modo criativo, a sensibilizarem-se com seus parceiros e a pensarem criticamente. Os companheiros de idade são, para cada criança, uma fonte de interesse, um modelo a ser imitado e uma oportunidade para a percepção das diferenças.**

- Estudamos como a brincadeira e o jogo infantil são instrumentos de ampliação das capacidades das crianças, dado que suas interações em brincadeiras as levam a construir novos modos pessoais de pensar, sentir, memorizar, mover-se, gesticular etc. O jogo e a brincadeira possibilitam que a criança crie sua identidade em um ambiente em contínua mudança, onde ocorre constante recriação de significados.
- Concluímos que uma ação pedagógica que visa a autonomia não pode se apoiar em medidas baseadas em um controle externo da criança, mas deve se pautar em ações que a levem, progressivamente, à autodisciplina. Para ajudar a criança a se perceber no coletivo, para que ela viva sua condição de cidadã no presente, gozando de seus direitos – especialmente o direito de brincar – o(a) professor(a) pode criar condições no ambiente para ampliar a ocorrência de cooperação e ajudar a lidar de forma positiva com o conflito: cuidar do tamanho do grupo, dispor objetos adequados, planejar com cuidado cada atividade etc.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES



O que mais podemos pensar a partir do que foi estudado?

Para que você possa acompanhar o desenvolvimento de seus alunos, procure sempre registrar os comportamentos das crianças em um diário. Busque debater pessoalmente, ou através de outros meios de comunicação, com outros educadores suas dúvidas, descobertas e experiências. Essa seria uma boa forma de aperfeiçoar sua própria maneira de trabalhar com as crianças. Afinal, todo ser humano busca aprender a lidar com o que não sabe, não é mesmo?

Refleta como você interage com as crianças e a quais delas você acha difícil responder e realizar com elas uma atividade. Pense nas razões para que isso aconteça. Veja o que você pode fazer para melhorar sua forma de se relacionar com elas. Observe-as e use com mais frequência o que mais as interessa, observando em que momentos elas se mostram satisfeitas e envolvidas. Procure conhecer mais os pais das crianças com as quais você trabalha e troque com eles informações sobre elas. Observe como eles as tratam na creche ou pré-escola, nos momentos de entrada e saída, em festas ou outras situações.

BOM TRABALHO!

ORIENTAÇÃO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nosso objetivo, neste tópico, é dar a você sugestões de formas de ação didática, perceber suas vantagens e dificuldades, e buscar construir sua própria forma de criar boas condições de desenvolvimento e aprendizagem para as crianças com as quais você trabalha.

Uma forma de incentivar o faz-de-conta das crianças é arrumar uma ou mais caixas grandes de papelão. Em cada uma delas podem-se colocar roupas, adereços, enfeites, objetos que reforcem um determinado tema da vida cotidiana das crianças: cabeleireiro, barbeiro, time de futebol, venda, lanchonete ou restaurante, castelo mágico, ilha encantada, fábrica de automóvel, barco de pesca etc. Como você pode ver, a variação é grande e você pode, melhor que ninguém, reconhecer quais temas são interessantes para as crianças. Procure acompanhar como elas utilizam os objetos da caixa e modifique alguns itens, se necessário, aumentando ou trocando alguns deles. Faça um registro de cada um dos primeiros dias de uso do “baú da fantasia”. Que tal?

GLOSSÁRIO

Competências: capacidades.

Habilidades: destrezas.

Subjetividade: relativo ao sujeito; características pessoais de alguém.

SUGESTÕES PARA LEITURA

OLIVEIRA, Zilma de M, MELLO, Ana Maria, VITÓRIA, Telma, FERREIRA, Maria Clotilde R. *Creches: Crianças, Faz de conta & cia.* São Paulo: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Zilma R. de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos.* São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Z. M. R., ROSSETTI-FERREIRA, M. C. *O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. Cadernos de Pesquisa, n. 87, p. 62-70, nov./1993.*

BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura.* São Paulo. 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUINTANA, M. *Lili inventa o mundo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

QUESTÕES DE PROVA MÓDULO II – UNIDADE 5

1. *Qual o papel que as pessoas com as quais a criança convive desempenham no seu desenvolvimento?*

São as pessoas com as quais a criança convive que atribuem significados, gestos e ações da criança. Esses significados são internalizados pela criança.

2. *Qual a diferença existente entre as formas de jogo para a espécie humana e o jogo entre os animais?*

Entre os animais, o jogo é uma atividade instintiva, enquanto que, para os seres humanos, o jogo é uma atividade intencional, que atende a necessidades psicológicas e depende da cultura em que a pessoa está inserida.

3. *Qual a relação entre a brincadeira e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade?*

Ao desempenhar diferentes papéis na brincadeira, a criança desenvolve a capacidade de negociar regras e transformar os papéis desempenhados pelos participantes.

4. *Qual o papel do(a) professor(a) de Educação Infantil diante do jogo como elemento pedagógico?*

Organizar o ambiente, ser um(a) observador(a) atento(a) e sensível às necessidades e interesses da criança para compreender como interagem no jogo.

5. *Qual a diferença entre autonomia e independência?*

A independência diz respeito à nossa capacidade de realizar alguma tarefa sem ajuda, enquanto a autonomia se refere à capacidade de tomar decisões seguindo nossas próprias orientações.



ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO A COMUNICAÇÃO COM BEBÊS E COM CRIANÇAS PEQUENAS

Nutrir a criança?

Sim.

Mas não só com o leite.

É preciso pegá-la no colo.

É preciso acariciá-la, embalá-la.

E massageá-la.

*É necessário conversar com sua pele,
falar com suas costas,
que têm sede e fome,
como sua barriga.*

Frédérick Leboyer¹



¹ Frédéric Leboyer é pediatra. O trecho que abre esta área temática foi escrito por ele para apresentar um livro chamado "Shantala: uma arte tradicional, massagem para bebês", publicado pela Editora Ground. Neste livro, o autor apresenta uma técnica para massagear bebês aprendida por ele na Índia, com uma mulher chamada Shantala.



ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Vimos em unidades anteriores do Módulo II como as crianças se desenvolvem e o importante papel das relações sócio-afetivas para esse desenvolvimento, bem como a forma como podemos nos comunicar com elas e mediar sua relação com o mundo.

Nessa unidade, refletiremos sobre a comunicação com bebês e com crianças pequenas no interior das creches, pré-escolas e salas de Educação Infantil que funcionam em escolas de Ensino Fundamental, focalizando em especial o papel da interação entre as crianças no desenvolvimento infantil, bem como o papel da brincadeira e do faz-de-conta, tema sobre o qual estudaremos na Unidade 7 de *Fundamentos da Educação* deste Módulo II.

Como os bebês brincam? De que maneira se relacionam com os adultos e com outras crianças no ambiente das instituições de Educação Infantil? Que papel a imitação desempenha no desenvolvimento do bebê? Como o(a) professor(a) pode ser um mediador(a) da relação dos bebês com o mundo que os cerca, favorecendo seu desenvolvimento? Essas e outras questões serão abordadas no decorrer dessa área temática.

Para efetivamente nos comunicarmos com as crianças de 0 a 6 anos, é importante conhecer os significados das ações e interações infantis. Só assim é possível apoiar a criança quando necessário, incentivando-a em suas conquistas e aquisições. Vamos lá?

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Esperamos que, ao final dessa área temática, você possa ter alcançado os seguintes objetivos:

- 1. Discutir o papel da imitação como forma de construção de conhecimento e o papel das interações nesse contexto.*
- 2. Refletir sobre o que é o brincar e como isso se expressa no bebê.*
- 3. Compreender o processo do faz-de-conta infantil e a imaginação presente nele.*



CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Esta área temática está dividida em três seções: a primeira discute o papel da imitação no processo de construção de conhecimento pela criança, a segunda trata do brincar e sua forma de expressão na criança de 0 a 6 anos; e a terceira aborda a questão do faz-de-conta e da imaginação infantil aí presentes.

Seção 1 – Imitar é conhecer: interações e desenvolvimento infantil

O OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

ANALISAR EPISÓDIOS DE INTERAÇÃO DE CRIANÇAS ENTRE 1 E 4 ANOS PARA INVESTIGAR O PAPEL DA IMITAÇÃO NO SEU DESENVOLVIMENTO.

Cena 1

No pátio de um espaço de Educação Infantil, algumas crianças com idade em torno de 2 anos estão juntas. Uma delas resolve correr de uma ponta a outra do pátio. Em seguida, todas as outras correm, em meio a gostosas gargalhadas.

Valéria Mourthé de Oliveira



Desde muito pequenas, as crianças já possuem modos de aproximarem-se umas das outras, que variam de criança para criança, de grupo para grupo. Podemos ver nas crianças bem pequenas, que mesmo sem utilizar ainda a fala como possibilidade comunicativa, elas encontram formas de estabelecer parcerias pelo movimento, pelos gestos, pela imitação etc. A cena descrita no quadro acima é um exemplo.

Quem já viu uma cena como essa? O exemplo da corrida em grupo mostra que, a partir do movimento executado inicialmente por uma única criança e, em seguida, coletivamente, o grupo criou um modo próprio de relação, uma brincadeira cujo disparador foi o corpo em movimento.

A relação com o outro se dá de diversas formas. Uma criança, ao entrar na creche, pode passar alguns dias ou semanas mais observadora. Aparentemente, poderíamos dizer que ela não está se relacionando com o outro, pois não faz nenhum movimento em direção às outras crianças. No entanto, se observarmos o interesse com que ela acompanha o movimento do grupo e os movimentos e brincadeiras que passa a fazer a partir dessa observação, poderemos perceber claramente o quanto a presença do outro influencia suas ações. Mesmo bem pequenas, as crianças se influenciam mutuamente e criam formas próprias de brincarem juntas.

A situação descrita a seguir mostra como a imitação tem um papel importante no aprendizado da criança e na sua inserção no grupo.

Cena 2

Todos os dias, uma professora de crianças com idades entre um ano e meio e dois anos canta com seu grupo músicas de domínio popular como “Atirei o pau no gato”, “A linda rosa juvenil”, “O cravo e a rosa” etc. Ela acompanha essas músicas com gestos e movimentação do corpo. Após algum tempo, as crianças, mesmo sem que a professora sugira, repetem os movimentos realizados quando cantam a música inclusive quando estão em casa, o que desperta a curiosidade dos pais, que querem saber qual o significado daqueles movimentos.

Valéria Mourthé de Oliveira



Vemos, nessa situação, a apropriação que os bebês fazem de uma experiência vivida coletivamente. A atividade com música é apenas um exemplo. Várias outras atividades que trazem a riqueza do **patrimônio cultural** da comunidade na qual você, professor(a), trabalha, podem ser exploradas com as crianças, seja individual ou coletivamente, ampliando o repertório do grupo.

ATIVIDADE 1

A situação descrita no quadro abaixo foi observada numa pesquisa realizada pelas professoras Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira.



Cena 3

Quando uma música que vem de fora da sala (onde crianças da creche almoçavam) é ouvida, Katarina (16 meses) sorri e bate as palmas das mãos ritmicamente na mesa, olhando para Fernanda (19 meses). Em seguida, Fernanda repete os gestos. Ela bate as palmas de suas mãos na mesa, observada por Katarina. Depois as duas meninas batem as palmas das mãos na mesa, rindo. Fernanda apóia o cotovelo na mesa e olha para a educadora que se aproxima, enquanto Rosa (17 meses) balança a cabeça de Katarina. Esta balança sua cabeça no ritmo da música, batendo as palmas das mãos na mesa. Fernanda bate de leve e rapidamente a mão direita nos próprios lábios, enquanto grita: "O, o, o, o!". Katarina imita Fernanda por um instante e novamente bate as palmas das mãos na mesa. Uma educadora aproxima-se e dá às crianças seus pratos de comida.

PAULA, E. M. A. T. de, OLIVEIRA, Z de M. R., 1997.

Como você interpreta esta cena? O que as crianças estão compartilhando na situação descrita? Você já observou alguma situação parecida com a descrita? Se já observou, seria interessante escrever como foi e discuti-la com seus(suas) colegas do PROINFANTIL no próximo encontro quinzenal.

A situação descrita na Cena 3 mostra que as experiências compartilhadas entre as crianças vão constituindo a história, a cultura, as formas de expressão do grupo. Essas experiências permitem que as crianças estabeleçam relações de confiança, de intimidade, de pertença. O grupo se constitui a partir das muitas atividades partilhadas. Essas atividades podem ter início a partir da iniciativa de uma ou de várias crianças nas mais diversas situações, como a

hora do almoço no exemplo relatado. Nesse sentido, é importante que os adultos criem espaços para que essas interações aconteçam, considerando que a imitação tem papel importante de integrar, criar identificações e significados compartilhados coletivamente.

Como você já viu em unidades anteriores, a imitação faz parte do desenvolvimento cognitivo e cultural da criança. Para imitar alguém, a criança precisa atribuir um significado à ação do outro. É pela imitação que ela vai experimentar comportamentos e ações que talvez ainda não fizesse por conta própria. Nesse sentido, ela se coloca em situação de aprendizagem, de ampliação de seus recursos de ação. Impulsionada pelos modelos que a cercam, ela vai criando e incorporando novas formas de ação. A situação descrita no quadro a seguir, observada num trabalho de pesquisa desenvolvido pelas professoras Maria Teresa Falcão Coelho e Maria Isabel Pedrosa, mostra como, ao imitar, a criança vai internalizando novas formas de ação. As crianças observadas nesta pesquisa tinham entre 2 e 3 anos.

Cena 4

João e Viviane estão sentados no chão, um ao lado do outro, mexendo em peças de encaixe. João coloca uma pecinha no ouvido e segura com a mão, olhando Viviane que está sentada ao lado dele. Ela faz o mesmo e coloca a mão no ouvido dizendo: " Alô...". João olha rapidamente para ela, que está mexendo nas pecinhas. Ela diz: "Ah, tá quebrado." Ele a olha, fala algo e ela o olha e pega peças junto dele. Ele pega rapidamente a que restou, coloca no ouvido e sai.

COELHO, M. T. F., PEDROSA. M. I., 1997.

Nesta situação, Viviane aprende com João um significado que ele atribui à peça de encaixe ao colocá-la no ouvido como se fosse um telefone. Portanto, as crianças estão compartilhando significados na ação de brincar, ao mesmo tempo em que atribuem novos significados aos objetos, nesse caso, as peças de encaixe.

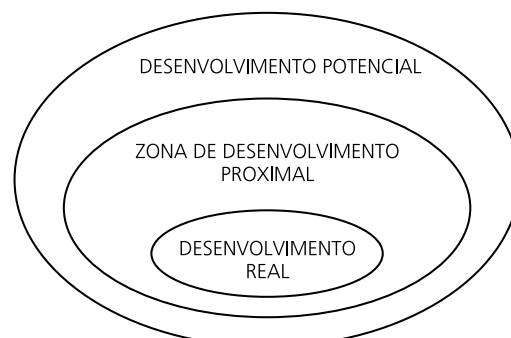
Vamos recordar que, como vimos nas Unidades 1 e 2 de FE, para Vygotsky, a criança apreende a ação do outro enquanto imita, e, ao atribuir significado a esta ação, aprende. Não se trata de uma mera cópia, uma vez que, para imitar alguém, a criança precisa compreender o comportamento do outro e se envolver intelectualmente na atividade, o que implica representá-la e avaliar a adequação de sua imitação.



De acordo com Vygotsky, a imitação tem um papel crucial no desenvolvimento. A criança só consegue imitar aquilo que está na sua zona de desenvolvimento proximal. Isto quer dizer que o que ela imita hoje, amanhã, irá tornar-se algo próprio dela.

Por exemplo, quando imita a mãe numa brincadeira de faz-de-conta, a criança fala como se fosse a mãe, apresenta gestos e posturas mais desenvolvidos do que ela, criança, é na realidade. Quando volta ao seu lugar cotidiano de criança, ela volta diferente, pois incorpora algo do que imitou. Assim, também quando busca o modelo de um amigo mais velho para fazer um desenho, reproduz o traço do outro e, em seguida, coloca algo diferencial que marca sua produção própria.

Também não custa repetir que o principal conceito da teoria de Vygotsky é o de “zona de desenvolvimento proximal”. A zona do desenvolvimento proximal se refere à diferença entre o desenvolvimento atual da criança e aquilo que ela consegue fazer com o auxílio de outras pessoas. A presença e ajuda do outro permite que a criança faça mais do que ela conseguiria fazer sozinha, atingindo novos níveis de desenvolvimento. Aquilo que a criança faz hoje com ajuda poderá fazer amanhã sozinha.



FE, MOD. II, UNID. 1

Nesse sentido, podemos colocar em destaque a importância das interações das crianças entre si e com os adultos no cotidiano da Educação Infantil, uma vez que essas trocas serão oportunidades de crescimento e construção de conhecimentos.

PARTIMOS DO PRINCÍPIO DE QUE O DESENVOLVIMENTO HUMANO SE DÁ ATRAVÉS DAS INTERAÇÕES ESTABELECIDAS COM OUTROS SERES HUMANOS EM AMBIENTES FÍSICOS E SOCIAIS, CULTURALMENTE ESTRUTURADOS.

Especialmente nos primeiros anos de vida, período em que muitas crianças frequentam as creches e pré-escolas, a dependência dos pequenos em relação ao outro constitui uma peculiaridade especial do desenvolvimento. Essa dependência vai se transformando gradualmente, à medida que a criança vai conquistando novas formas de ação.

Desde bebês, possuímos uma certa organização do comportamento e algumas condições para perceber e reagir às situações exteriores, principalmente aos parceiros diversos que formam nosso meio humano. É na relação com os outros que vamos compreendendo o mundo, dando significado para as ações, dominando formas de agir, pensar e sentir presentes em nosso meio cultural, desenvolvendo a capacidade de expressão e de linguagem.

Tomemos como exemplo o comportamento do bebê em seus primeiros meses de vida. Inicialmente, ele chora em reação a diferentes incômodos e ajustes orgânicos: cólicas, sono, fome, necessidades de higiene etc. Os adultos responsáveis pelos cuidados com o bebê – normalmente a mãe ou o pai – reagem ao seu choro e tomam atitudes para ampará-lo, oferecendo-lhe alimento, colo, trocando suas fraldas etc. Sendo assim, de certa forma, o bebê vai ensinando aos adultos como estes devem se comportar para atender às necessidades que ele manifesta.



Pouco a pouco, o bebê percebe que sempre que chora obtém a atenção de seus objetos de afeição e, então, começa a chorar não mais como ação reflexa. Agora seu choro se torna intencional, isto é, ele chora para obter a atenção desejada e a resolução de seus desconfortos. Depois de algum tempo, podemos até diferenciar quando o choro indica fome, ou sono, ou apenas necessidade de proximidade física. Não apenas o bebê vai controlando seu choro (mais intenso, mais alto), como também os adultos que se relacionam com ele vão aprendendo, na interação, a diferenciar suas formas de expressão.

Vale destacar que a forma como o adulto vai compreender esse choro será fundamental para que a criança vá também dando um sentido às suas sensações. Para o bebê, embora reconheça o desconforto físico, a discriminação entre o que exatamente “está lhe incomodando” não é clara. Se, por acaso, o adulto reage ao choro do bebê, achando que sempre que ele chora é porque está com fome e o alimenta, é provável que o bebê comece a associar suas sensações de desprazer àquela forma de conforto apresentada pelo adulto (nesse caso, ao alimento).

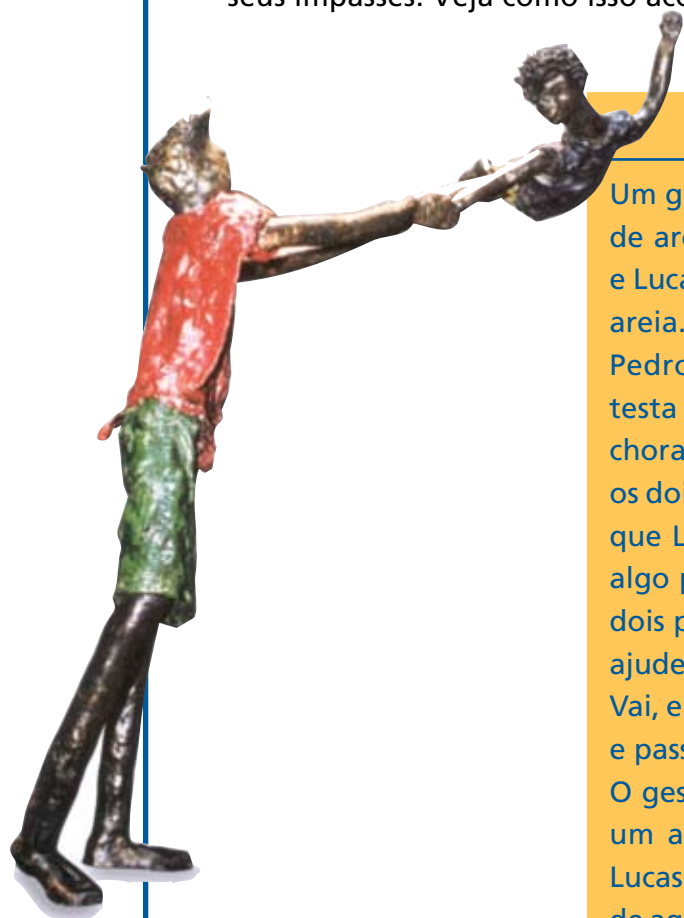
É importante investigarmos as expressões infantis, tentando compreender os diferentes significados que se expressam em seus comportamentos. Será por meio de nossa ajuda que desde muito cedo o bebê irá compreender e dar sentido ao que sente e vive.

ATIVIDADE 2

Professor(a), propomos que você, a partir da observação das crianças com as quais trabalha, faça uma pequena lista relacionando uma forma de expressão da criança aos significados que você pode atribuir a esta expressão. O quadro abaixo é uma sugestão de como você pode organizar esta lista em seu caderno.

Gesto expressivo	Significados
Choro	
Abrir os braços	
Jogar um objeto no chão	
Outros gestos	

Os exemplos das cenas que apresentamos até aqui, e que também estão presentes em nossas experiências e observações cotidianas, nos indicam que a comunicação entre a criança e seus parceiros – sejam eles adultos ou crianças – se dá muito precocemente. O papel do adulto, em especial, é compreender a criança para ajudá-la a compreender a si mesma e ao mundo. Vemos também que nesse contexto a imitação tem lugar privilegiado como forma de a criança aprender sobre o outro, sobre si e sobre tudo o que está ao seu redor. Com isso, ela também amplia suas possibilidades de expressão. É observando os adultos de referência – suas expressões, seus gestos, suas falas – que o bebê vai conhecendo o mundo, o outro e a si mesmo. Como podemos lidar com essas questões na prática cotidiana? Os conflitos entre as crianças são bons exemplos de como o adulto pode ser um mediador dos relacionamentos entre as crianças, pois, para que possamos intervir adequadamente, precisamos observar o que motivou o conflito, quais as crianças envolvidas nele e de que forma aquelas crianças têm conseguido expressar seus desgostos e resolver seus impasses. Veja como isso acontece na situação descrita a seguir.



Aviãozinho, "Cenas infantis".
Sandra Guinle

Cena 5

Um grupo de crianças de 3 anos brinca no pátio de areia, sob a supervisão da professora. Pedro e Lucas iniciam uma disputa por um baldinho de areia. Antes que a professora pudesse intervir, Pedro bate com uma pazinha de plástico na testa de Lucas, arranhando-a. Lucas começa a chorar. A professora abaixa-se e conversa com os dois meninos. Dirige-se a Pedro e mostra a ele que Lucas está chorando, sugerindo que façam algo para cuidar do colega machucado. Leva os dois pela mão até o banheiro e pede que Pedro ajude a limpar o arranhão na testa do colega. Vai, então, orientando-o a lavar as próprias mãos e passá-las, ainda molhadas, na testa do colega. O gesto é repetido, posteriormente, agora com um algodão embebido em soro. Aos poucos, Lucas e Pedro vão se acalmando, o gesto inicial de agressão vai se tornando um gesto de carinho, de cuidado com ou outro.

Muitas vezes, é com a mediação do adulto que a criança vai experimentando novas condutas que, sozinha, ainda não seria capaz de vislumbrar. Vale destacar que, especialmente nos primeiros anos de vida, atitudes como a descrita na Cena 5 não podem ser consideradas simplesmente agressões. A criança pequena, de um modo geral, não tem ainda plenamente desenvolvida sua capacidade de expressão pela fala e está construindo um entendimento sobre os efeitos que suas ações causam nos outros. Portanto, bater, puxar um brinquedo da mão de outra criança ou mesmo morder podem significar uma inabilidade da criança para lidar com a situação. Para as crianças, é ainda um desafio perceber que não é apenas seu próprio desejo que deve ser considerado, bem como compreender que suas ações provocam reações. O papel do(a) professor(a) é ir ajudando a criança a construir este entendimento de si mesma e do outro, bem como desenvolver formas de resolução de conflitos baseadas no cuidado com o amigo, no respeito e no afeto.

O afeto irá facilitar o estabelecimento de vínculos entre a criança, o(a) professor(a) e seus(suas) colegas e os objetos do conhecimento, pois é ele quem suscita motivos para a ação. Promover a capacidade da criança para relacionar-se desde cedo com parceiros diversos, particularmente com outras crianças, é uma ação fundamental por parte do(a) professor(a) de Educação Infantil.

Atualmente vivemos uma crise dos laços de solidariedade entre os adultos, especialmente no mundo do trabalho, que tem se expandido para outras esferas da sociedade. "Cada um por si" é o lema no qual o que vale é o próprio interesse. Para que possamos nos contrapor a essa cultura do individualismo, é preciso promover momentos de troca e de partilha entre as crianças, tendo em vista que nascemos disponíveis para o contato com o outro e dependemos dele para nosso desenvolvimento.

Como isso pode ser feito na prática? Atitudes simples podem ser tomadas. Promover brincadeiras em que as crianças se relacionem e percebam umas às outras é um bom caminho.

No caso das crianças bem pequenas podemos, por exemplo:

- 1. Promover um jogo de bola em círculo em que o(a) professor(a) vai nomeando cada criança para quem passa a bola e incentivando-a a jogar a bola para outra criança.*
- 2. Quando houver disputas por brinquedos, o(a) professor(a) pode intervir propondo uma brincadeira coletiva com o objeto da disputa, de modo que esse objeto possa ser compartilhado.*

3. *O(a) professor(a) pode fazer um mural com fotos e/ou desenhos das crianças em diferentes situações de brincadeira, lembrando os momentos vividos e fortalecendo o reconhecimento do sentido de grupo.*
4. *Promover situações de brincadeiras que envolvam o toque, a aproximação, o carinho, as manifestações de afeto.*



ATIVIDADE 3

Marque com um X a frase CORRETA, de acordo com o que você estudou até aqui sobre o papel da imitação no desenvolvimento infantil.

- a) () *A criança, ao imitar, apenas copia o que vê os adultos fazerem.*
- b) () *Só há aprendizagem quando a criança realiza suas próprias ações, sem imitar ninguém.*
- c) () *Na imitação, a zona de desenvolvimento proximal é ativada, pois a criança realiza ações que não seria capaz de realizar sozinha.*
- d) () *Os adultos não devem intervir nos conflitos entre as crianças.*

ATIVIDADE 4

Certamente você já vivenciou diferentes situações de conflito entre as crianças com as quais você trabalha. Descreva uma dessas situações e comente qual foi a sua atitude para favorecer a resolução do conflito. Você considera que sua atitude tenha sido adequada? Por quê? Você pode utilizar seu caderno para anotar suas conclusões.

Nessa seção, vimos que o aprendizado da convivência pode ser potencializado nos espaços de Educação Infantil. São nesses locais que, privilegiadamente, as crianças poderão aprender a negociar com o outro, reconhecer diferentes pontos de vista, lidar com conflitos de interesse, promover situações cooperativas, internalizar regras, trocar afeto etc. No ambiente das creches, pré-escolas e salas de Educação Infantil, as crianças poderão ter múltiplas oportunidades de se relacionarem, desenvolvendo formas de comunicação variadas e vivenciando diferentes desafios que a convivência põe em cena.

Valéria Mourthé de Oliveira



Vimos, ainda, que a imitação é uma forma de conhecer o outro, de compreender formas de se relacionar e expressar a partir da vivência com os parceiros – crianças e adultos. Será, então, a partir da interação que as crianças descobrirão formas socialmente construídas de estarem juntas, se comunicarem, construirão regras coletivas. É o encontro com o outro que favorece nosso desenvolvimento.

Na próxima seção, falaremos um pouco sobre o papel da brincadeira nesse processo de desenvolvimento.

Seção 2 – O que é e o que não é brincar? Pode-se dizer que o bebê brinca?

O OBJETIVO DESSA SEÇÃO:

- REPENSAR COMO SE DÁ O FAZ-DE-CONTA DAS CRIANÇAS NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E COMO APRIMORÁ-LO.

Cena 6

Logo que chega à sala de aula, Marina (4 anos) se dirige ao cantinho das fantasias e veste uma saia amarela, de tule, bem rodada. Uma das professoras a vê e diz:
– Como você está bonita! Parece uma princesa!

Marina responde:

– Eu não sou princesa! Sou bailarina.



A brincadeira é um espaço de aprendizagem, de imaginação e reinvenção da realidade. Desde muito cedo, as crianças envolvem-se em diferentes brincadeiras.

Como você teve a oportunidade de ver na Unidade 5 e terá oportunidade de aprofundar na Unidade 7 de **Fundamentos da Educação** deste módulo, o brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças pequenas. Através das brincadeiras, a criança pode desenvolver algumas capacidades importantes, tais como: a atenção, a imitação, a memória

e a imaginação. Ao brincar, as crianças exploram e refletem sobre a realidade e a cultura na qual vivem, incorporando e, ao mesmo tempo, questionando regras e papéis sociais. Nos jogos de faz-de-conta, por exemplo, a criança recria situações que fazem parte de seu cotidiano, trazendo personagens e ações que fazem parte de suas observações. Assim, ela pode vestir uma saia rodada e se tornar bailarina, colocar uma bolsa a tiracolo e dizer que “vai trabalhar”. Podemos dizer que, nas brincadeiras, as crianças podem ultrapassar a realidade, modificando-a através da imaginação.

Nas instituições de Educação Infantil, a organização do tempo e do espaço pode favorecer ou não a criação de brincadeiras diversas pela criança. Em **Fundamentos da Educação** desta unidade, você encontrou algumas sugestões de como proceder para favorecer a brincadeira na rotina das instituições de Educação Infantil que apresentamos no quadro a seguir.

Uma forma de incentivar o faz-de-conta das crianças é arrumar uma ou mais caixas grandes de papelão. Em cada uma delas podem-se colocar roupas, adereços, enfeites, objetos que reforcem um determinado tema da vida cotidiana das crianças: cabeleireiro, barbeiro, time de futebol, venda, lanchonete ou restaurante, castelo mágico, ilha encantada, fábrica de automóvel, barco de pesca etc. Como você pode ver, a variação é grande e você pode, melhor que ninguém, reconhecer quais temas são interessantes para as crianças. Procure acompanhar como elas utilizam os objetos da caixa e modifique alguns itens, se necessário, aumentando ou trocando alguns deles. Faça um registro de cada um dos primeiros dias de uso do “baú da fantasia”.

FE, MÓD. II, UNIDADE 5.

O modo como as crianças vão se apropriar dos objetos que são colocados à sua disposição para brincar e os enredos que vão criar a partir deles depende da cultura na qual a criança está inserida. A criança aprende a brincar com os outros membros de sua cultura. Primeiramente com os mais próximos e, à medida que cresce e se desenvolve, vai ampliando seu rol de relações. Suas brincadeiras são repletas de hábitos, valores e conhecimentos do grupo social ao qual pertence. Por isso dizemos que a brincadeira é histórica e socialmente construída. Ou seja, a criança utilizará as experiências que vive em sua comunidade – os valores que circulam, as tradições, os personagens do folclore típico da localidade.

É assim que, se pensamos numa criança que mora no Maranhão, onde a festa popular do bumba-meu-boi é muito forte, se pensamos numa criança de Recife,

que tem o frevo e o maracatu como manifestações culturais de seu povo, ou, ainda, numa criança que vive próxima a uma comunidade de pescadores e que conhece todos os ritos das pescarias, as lendas e a sabedoria popular ligada a essa prática, teremos aí uma riqueza de elementos, conhecimentos e experiências culturais que irão influenciar no que as crianças conhecem, nas brincadeiras que farão parte de suas vidas, nas músicas de seu repertório etc. A história de um povo – suas crenças, festas, tradições, hábitos alimentares e culturais – é importante na formação da identidade cultural da criança e estará presente em suas brincadeiras, por isso é importante que sejam valorizadas na instituição de Educação Infantil.

Antônio Ribeiro



- A imagem acima mostra o teatro de marionetes “O Brasil de Pedro a Pedro”.
- “ O teatro de marionetes existe desde o antigo Egito. Lá, as marionetes eram imagens sagradas que faziam parte de rituais religiosos.(...) ”
- No Brasil, o teatro de marionetes chegou com os padres jesuítas, que usavam esse recurso para catequizar os índios.
- Em Minas Gerais, no século XVIII, os artistas apresentavam, de vilarejo em vilarejo, seu teatro de bonecos em carroças-palcos. Eram chamados de “Circos do Briguela”.
- No Nordeste do Brasil, os artistas mambembes criaram o mamulengo como uma forma de manifestação popular. Os artistas criam um personagem e a apresentação é improvisada, inventada na hora pelo manipulador, sempre com muito humor.

POUGY, E. *Criança e Arte: descobrindo as artes visuais*. São Paulo: Editora Ática, 2001. vol. 4.

O teatro de marionetes, como você pode ver no quadro ao lado, tem uma história, faz parte de nossa cultura. Muitas atividades na instituição de Educação Infantil podem ser desenvolvidas, por exemplo, a partir do teatro de fantoches ou de marionetes.

Os fantoches podem ser de vários tipos: de dedo (dedoche), em que você pode simplesmente pintar carinhas nos dedos das crianças ou fazer dedais que sejam bonecos de papel ou tecido; de meia, sendo usadas meias velhas para pintar personagens diversos; de vara, com bonecos, que podem ser feitos pelas próprias crianças ou pelo(a) professor(a), em papel, sendo recortados e colados em varinhas de madeira. Essas são apenas algumas sugestões. Você, professor(a), pode criar muitas outras com suas crianças.

Os personagens e enredos que vão aparecer no teatro também podem ser vários, baseados na cultura da comunidade onde as crianças vivem. É assim que, por exemplo, na zona oeste do Rio de Janeiro, um grupo de crianças de uma escola municipal vivia fazendo com as mãos gestos de quem estava soltando uma pipa. A professora percebeu então a presença da pipa no cotidiano dessas crianças e desenvolveu um projeto a partir da observação desta brincadeira: entraram em cena músicas de pipa, confecção com a ajuda dos pais de pipas de diferentes cores e tamanhos e, claro, não poderia deixar de ser, soltaram as pipas no final do projeto.

Com relação aos bebês, vemos que este brincar vai surgir nos primeiros momentos de vida. Os pais, familiares e educadores responsáveis pelos cuidados com os bebês ensinam-lhes a brincar desde cedo. Através da interação e dos vínculos afetivos, vão criando diferentes situações. Não é difícil lembrarmos do tradicional jogo de esconde-esconde que os pais fazem com seus bebês: “Cadê o nenê?”. Nesses momentos, a criança vai construindo – na relação com suas primeiras figuras de referência, os pais – um “jogo”, isto é, aprende a brincar a partir da repetição, da percepção da expressão dos pais, do entendimento que vai construindo do significado daquela brincadeira.

No caso da brincadeira de esconde-esconde, por exemplo, quando pais e/ou educadores utilizam lençóis ou panos para “sumir” ou fazer as crianças “sumirem”, podemos identificar múltiplos aprendizados que estão em jogo: a possibilidade de representar o objeto “sumido” apesar de sua ausência, o entendimento da linguagem, a alternância de participação dos envolvidos como estrutura da brincadeira etc. Além disto, a brincadeira é um especial momento de prazer, troca afetiva e alegria. Elementos fundamentais na vida de qualquer pessoa para a sua constituição.



A brincadeira é uma aprendizagem social, fruto das relações entre os sujeitos de um grupo social. Nesse sentido, a Educação Infantil – apoiada nesta perspectiva histórica-cultural do desenvolvimento – tem um papel muito importante na organização e no planejamento de condições propícias para o desenvolvimento e a aprendizagem do processo de brincar.

A brincadeira não é uma atividade que a criança já nasce sabendo. Brincar implica troca com o outro, trata-se, como já vimos, de uma aprendizagem social. Nesse sentido, a presença do(a) professor(a) é fundamental, pois será ele quem vai mediar as relações, favorecer as trocas e parcerias, promover a integração, planejar e organizar ambientes instigantes para que o brincar possa se desenvolver.



Você pode, por exemplo, na sala de atividades de crianças entre 1 e 2 anos, amarrar uma corda de uma ponta a outra da sala e pendurar nela diferentes tripas de papel ou tipos diferentes de barbantes, tecidos e/ou fitas. Você verá como este toque no ambiente promoverá explorações divertidas. As crianças dessa faixa etária adoram provocar efeitos de movimento nos objetos e se encantam em balançá-los e puxá-los, dentre outras ações. Assim vão conhecendo mais sobre os efeitos de sua ação sobre o mundo material e sobre as próprias características dos objetos em questão.

O(a) professor(a), ao organizar o espaço e disponibilizar alguns materiais para exploração pelas crianças, já cria um ambiente propício para surgirem brincadeiras. Depois é só entrar com elas na farrá! Fantasias, tecidos, caixas e bolas, objetos de baixo custo, são excelentes para brincar. Entrar e sair de caixas, fazer com elas casas e carros, vestir fantasias e brincar de faz-de-conta, manipular bolas de tamanhos e texturas diferentes, enfim, são muitas as possibilidades de exploração.



ATIVIDADE 5

Você já brincou de faz-de-conta com as crianças com as quais você trabalha? Que personagem você assumiu? Como a brincadeira começou? Que história criaram, e como ela terminou? O que mais lhe chamou a atenção nesta atividade? Você se sentiu à vontade na situação? Por quê? Você pode utilizar seu caderno para anotar suas observações.

A brincadeira simbólica ou de faz-de-conta leva à construção pela criança de um mundo ilusório, de situações imaginárias em que objetos são usados como substitutos de outros, conforme a criança os emprega com gestos e falas adequadas.

Assim, uma fralda de pano pode se transformar na capa de um super-herói; uma cadeira, no assento de uma espaçonave ou trem; uma rampa, em uma corda bamba de equilibrista etc.

Nessas situações, a criança reexamina as regras embutidas nos atos sociais, ou seja, ela reproduz na ação aquilo que vê usualmente em suas experiências sociais e culturais: os heróis voam e ela voará, no entanto não voará realmente, pois percebe a distinção entre jogo simbólico e realidade. Isso ocorre conforme a criança experimenta vários papéis no brincar e pode verificar as conseqüências por agir de um ou de outro modo. Com isso, internaliza regras de conduta, desenvolvendo sistemas de valores que irão orientar seu comportamento.

A criança, ao brincar, mais do que repetir um modelo de ação que observou, estaria examinando o papel do adulto, por ela vivenciado na relação adulto-criança, em que, na realidade, ela própria recebe cuidados. Ela pode, então, tomar o papel do outro para melhor compreendê-lo. Imita a mãe, reproduzindo o comportamento que a mesma adota em relação a si, ou que ela vê a mãe adotar em relação a outros elementos do meio.

A brincadeira de faz-de-conta tem outro papel importante para a criança. Ela permite reviver situações que lhe causaram enorme excitação e alegria ou alguma ansiedade, medo ou raiva, podendo, na situação mágica e descontraída da brincadeira, expressar e trabalhar essas emoções muito fortes ou difíceis de suportar. Na brincadeira, estão envolvidos aspectos cognitivos, emocionais e físicos, e o que está em jogo para os adultos que convivem com a criança é conhecer melhor os sentimentos e emoções que ela vive, bem como o modo como ela os elabora por meio do brincar.

ATIVIDADE 6

José tem 2 anos e está na creche há um ano. Conhece bem os adultos e as crianças e demonstra muito prazer em freqüentar a instituição de Educação Infantil. Recentemente, sua mãe foi convidada para assumir um novo trabalho distante de sua casa, o que exigiu que ela passasse de segunda a sexta-feira fora da cidade onde moravam, só vindo para a casa nos fins de semana. José ficava com o pai. Para José, o afastamento da mãe de segunda à sexta era um grande desafio.

Na sexta-feira, ele e o pai iam buscar a mãe na rodoviária. Sua família deu a ele um ônibus de madeira e ele passou a andar agarrado a esse brinquedo. Sempre que algum adulto chegava perto, ele explicava toda a história:

– Esse é o ônibus que a mamãe pegou, ela vai voltar sexta-feira. O ônibus vai lá na estrada...

Como você entende o apego de José ao ônibus de brinquedo, considerando o que vimos nessa primeira seção sobre o papel do brincar no desenvolvimento da função simbólica? Aproveite para retomar o estudo sobre este tema em Fundamentos da Educação desta unidade

Quando o(a) professor(a) está atento(a) ao que acontece com as crianças, pode favorecer o desenvolvimento de relações de troca, afeto e confiança, condição fundamental para ajudar a criança a lidar com seus conflitos e para propiciar o brincar junto.

Canção da América

*“Amigo é coisa para se guardar
debaixo de sete chaves,
dentro do coração.
Assim falava a canção que na América ouvi (...)
Amigo é coisa para se guardar
no lado esquerdo do peito,
mesmo que o tempo e a distância
digam não...”*

Milton Nascimento

Brincar é coisa de amigos! Quanto mais estreitos os laços de afeto, mais espaços e situações de brincar se expandem. Todos nós podemos lembrar de alguns amigos especiais, daqueles que guardamos no “lado esquerdo do peito”, como nos diz o Milton em sua “Canção da América” (aliás, como os poetas traduzem o que passa pelo nosso coração, não é?).



*Currupio, "Cenas infantis".
Sandra Guinle*

Nossos amigos são aqueles que partilharam conosco diferentes momentos de nossa vida, com os quais passamos por muitas situações, compartilhamos experiências, convivemos e trocamos afetos, histórias, enfim, possuímos algo em comum. Estabelecemos vínculos, ligações com nossos amigos queridos, que fazem com que tenhamos cumplicidade, histórias próprias que são parte dessas relações, segredos e “causos”. Muitas vezes, basta um olhar ou uma palavra para que lembremos de algum episódio passado em conjunto, que só mesmo os amigos “entendem”. O entendimento exige poucas palavras, a intimidade e a familiaridade já carregam uma porção de sentidos partilhados, fruto das experiências em comum.

São muitas as situações diárias que envolvem interações criança-criança e criança-adulto: as rodas de conversa, onde está em jogo o aprendizado da escuta do outro e da própria expressão; as refeições, quando todos compartilham o alimento, conversam sobre suas experiências; nas brincadeiras, quando precisam encontrar formas de incluir as diferentes idéias, vontades, movimentos uns dos outros; as histórias, quando se acomodam de forma que todos possam ver o livro que o(a) professor(a) mostra etc. Enfim, todos os momentos partilhados no cotidiano da Educação Infantil podem convidar as crianças a estabelecerem relações umas com as outras em trocas intensas e constantes.

Conflitos são inevitáveis nesse contexto, seja em função do desejo por um mesmo brinquedo ou dificuldades em estabelecimento de combinados coletivos. O(a) professor(a) será o(a) principal mediador(a) nesses momentos, não resolvendo os impasses pelas crianças, mas ajudando-as a olharem para as situações de conflito conjuntamente, buscando com elas formas de resolução, esclarecendo as diversas formas de compreensão que se colocam em cena.

Em alguns momentos, aflitos(as) com os desentendimentos infantis, acabamos tomando atitudes mais drásticas, separando algumas crianças para manter a “disciplina”. Nesse ponto, vale retomar uma discussão que já tivemos na parte dedicada aos *Fundamentos da Educação* deste mesmo módulo.

Trata-se da importância de estimularmos o desenvolvimento da autonomia na criança, entendendo por autonomia a possibilidade de ela fazer escolhas por si própria sem que seja necessário um rígido controle externo. O(a) professor(a) será sim o(a) mediador(a) nos momentos de conflito, mas sem impedir que a criança possa buscar formas de se comunicar com seus parceiros, de fazer com eles combinados. Será no confronto e na vivência tranqüila destes momentos de embate – com o apoio do(a) professor(a) – que a criança vai construir com autonomia uma disciplina que norteará seu comportamento social.

Muitas vezes, a criança chega à creche ou pré-escola com comportamentos e formas de agir próprias que desenvolveu em casa. A atividade que propomos a seguir apresenta uma situação que ilustra este fato.

ATIVIDADE 7

Paula tem quase 2 anos e está vivendo sua primeira experiência em um espaço de Educação Infantil. Em sua casa, costuma alimentar-se sempre com ajuda, sendo muito “cuidada” por seus familiares e tendo poucas oportunidades de tomar iniciativas com relação aos cuidados consigo mesma: é sempre ajudada em atividades como trocar a roupa, organizar seu material, lanche etc. Na hora do lanche na creche, enquanto a professora distribuía biscoitos nos pratos das crianças, Paula abriu a boca, esperando ser alimentada. A professora, conversando com ela, pegou em sua mão, colocando ali o biscoito e a estimulando a comer sozinha.

Como você analisa a situação descrita no quadro anterior e a atitude da professora? Você já viveu ou vive situação semelhante com as crianças com as quais trabalha? Você pode usar seu caderno para anotar suas conclusões.

ATIVIDADE 8

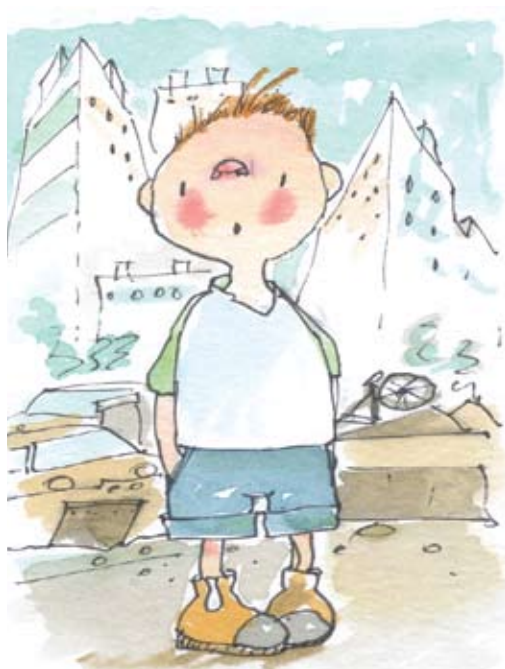
Se você fosse o(a) professor(a) de Paula e tivesse que justificar aos pais da menina sua atitude, o que diria? Tente escrever um bilhete explicando aos pais sua atitude. Não se esqueça de utilizar argumentos baseados nos conhecimentos que você vem construindo sobre a importância de incentivar a autonomia da criança.

O exemplo de Paula mostra como as experiências que a criança vive vão influenciar os modos de ela agir, pensar e sentir. Num grupo de crianças, o que fará com que elas se sintam próximas e possam estabelecer laços fortes de amizade serão as experiências vividas em conjunto. Brincadeiras de faz-de-conta, histórias contadas que se tornam queridas por todos, jogos inventados que se repetem, cantigas etc. Nesse sentido, esta seção nos aponta a importância de criarmos ambientes propícios ao brincar e ao estreitamento das relações entre as crianças; as experiências compartilhadas são condições importantes para que isto ocorra efetivamente.

Seção 3 – O desenvolvimento pela criança de sua capacidade de fazer de conta, de agir a partir de sua própria capacidade de imaginar

O OBJETIVO DESTA SEÇÃO:

- PENSAR ALTERNATIVAS PARA PROMOVER A BRINCADEIRA NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.



(...) O mundo era um pedaço complicado para um menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.

Manoel de Barros

O autor do poema que você leu no quadro acima conta que em sua infância, vivida numa cidade do interior, as crianças brincavam com tudo o que era possível e tudo virava brinquedo: bozinhos de osso, bolas de meia, carrinhos de lata. Brincavam de escutar conchas, de fazer de conta que sapo era cavalo de cela e sair num passeio imaginado, montado num sapo-cavalo. Vivendo na cidade grande, o autor relembra a magia do brincar de sua infância passada na roça, a beleza da natureza que estava tão próxima dele quando criança e as infinitas possibilidades que esse convívio com a natureza trazia para um menino.

Manoel de Barros fala de uma das principais características do brincar: ele não depende de materiais sofisticados, brinquedos caros, ou qualquer coisa nesse sentido. O brincar é uma ação que nasce da necessidade da criança de criar, imaginar, compreender o mundo à sua volta, como já discutimos em várias unidades do PROINFANTIL e discutiremos mais na Unidade 7 deste módulo.

O brincar é uma atividade lúdica, isto quer dizer que ela é gratuita, não-instrumental, surge liberada, livre. Ou seja, é exercida pelo simples prazer que as crianças encontram em fazê-lo. Isto não quer dizer que ela não atenda às necessidades de desenvolvimento, ela tem enorme importância neste aspecto. O brincar tende sempre a aperfeiçoar-se, tornando-se cada vez mais complexo.

O recém-nascido, por exemplo, exercita suas possibilidades sensoriais nascentes. Brinca de olhar, de fazer sons, de movimentar os seus membros. Aos poucos, à medida que cresce, o bebê descobre novas brincadeiras. A princípio, provoca alguns acontecimentos por acaso, como por exemplo quando está deitado em seu berço e acidentalmente esbarra no móvel que fica pendurado próximo a ele. O prazer que o movimento do móvel traz ao bebê faz como que ele vá aos poucos e pela repetição do gesto associando o efeito de sua ação (o balanço do móvel) ao que causou este efeito (sua mão esbarrando no móvel).

Essa associação favorece o fato de o bebê começar a buscar repetir este efeito intencionalmente, ou seja, ele agora não esbarra mais por acaso no móvel, mas

pratica essa ação intencionalmente em busca da repetição da situação que lhe causou prazer. Nessa situação ele está desenvolvendo intensamente suas habilidades motoras e suas emoções diante das tentativas bem ou mal-sucedidas.

Esse mesmo padrão lúdico, ou seja, a mudança de uma ação gratuita para outra intencional se repete mais tarde em outros patamares do desenvolvimento infantil. O grafismo é um bom exemplo. Uma criança de três anos aproximadamente poderá dar um significado diferente a seu desenho sempre que perguntarmos o que ela desenhou. Este significado só irá se estabilizar mais tarde, a partir de seu desenvolvimento e das experiências no campo da produção plástica que for vivenciando. Por isso é importante que, nas instituições de Educação Infantil, a criança tenha oportunidade de experimentar livremente diversos materiais para desenhar, sem que seja cobrado dela um produto final de sua atividade.

As crianças de 1 a 3 anos atravessam um período marcadamente sensorial/motor e simbólico. Isto quer dizer que ela tem desejo por experiências ligadas ao movimento e às sensações. Está construindo o conhecimento sobre seu próprio corpo e sobre o mundo à sua volta. Portanto, brincadeiras que envolvam subir, descer, pular, cair, levantar, pôr, tirar, fazer, desfazer, criar e destruir fazem sucesso.

Eugênio Sávio



Para favorecer essas brincadeiras o(a) professor(a) pode preparar o espaço de modo a favorecer essas explorações, convidando ao movimento. Caixas de vários tamanhos, almofadas, tecidos, pequenos obstáculos nos quais a criança possa subir e descer com segurança, objetos que ela possa colocar e tirar de dentro das caixas, tais como bolas de encher cheias, coleções diversas etc. As crianças gostam também de entrar com o corpo inteiro em diferentes lugares e objetos. Podemos fazer túneis de tecido para elas passarem, caixas que virem casas e carros etc.



Para alimentar o jogo simbólico, podemos brincar com as palavras fazendo rimas, lendo poemas, cantando canções. A utilização de gestos e movimentos pode fazer parte desses momentos. Espelhos para brincar de fazer caretas, para se observar depois de colocar fantasias e fazendo movimentos inusitados com o corpo são também excelentes recursos para ampliar o brincar.

Enfim, amigo(a) professor(a), nós temos o papel de alimentar com materiais e sugestões as ações de brincar das crianças com as quais trabalhamos. Música, pintura, escultura, dança, poesia, narrativa e teatro são formas de brincar e fazer fruir as manifestações infantis. Além disso, a mediação deve favorecer que o brincar seja partilhado e que o grupo se integre, reconhecendo-se como parceiros queridos com os quais é possível trocar, brincar, amar e cuidar.

Neste sentido, é importante que também nós, adultos, “entremos na roda”, nos dispor a brincar com as crianças, vivenciando com elas as aventuras e invenções maravilhosas que são capazes de criar. Vamos brincar?

PARA RELEMBRAR

- Nesta unidade, retomamos alguns temas já tratados em unidades anteriores para pensar em situações da nossa prática cotidiana nas instituições de Educação Infantil. Retomando alguns conceitos estudados neste volume, em *Fundamentos da Educação*, vimos que a imitação infantil é uma forma de conhecer o outro, de compreender e construir formas de se relacionar e se expressar a partir da vivência com os parceiros – crianças e adultos. A partir daí, pensamos as diferentes formas de interpretar a situações em que as crianças realizam gestos imitativos e como o(a) professor(a) pode favorecer a imitação como forma de interação entre as crianças para que elas descubram formas socialmente construídas de estarem juntas, se comunicarem e construírem regras coletivas.
- Discutimos o brincar como uma forma muito intensa de interação entre as crianças, reconhecendo que esta é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças pequenas. Ao brincar, as crianças exploram e refletem sobre a realidade e a cultura na qual vivem, incorporando e, ao mesmo tempo, questionando regras e papéis sociais. Invenção, criatividade, conhecimento de mundo estão implicados no ato de brincar. Nesse sentido, enfatizamos o importante papel da instituição de Educação Infantil de incentivar brincadeiras próprias à cultura das crianças com as quais trabalha, organizando tempos e espaços para que isso aconteça.

- Outro aspecto fundamental a destacar nessa unidade diz respeito ao papel da creche e pré-escola no incremento de relações afetivas, de troca entre as crianças. Esse tema será retomado no Módulo III, mas, por ora, cumpre destacar que o espaço da Educação Infantil é muito propício ao desenvolvimento dos laços de afetividade e de amizade. O(a) professor(a) precisa estar atento(a) às relações entre as crianças, organizando o tempo e o espaço de modo a possibilitar que elas tenham inúmeras oportunidades de brincarem juntas, de participarem de atividades em conjunto etc. O adulto vai apoiar o grupo na resolução de conflitos, garantindo regras de convivência pautadas na troca, na partilha, no respeito mútuo e no diálogo, para que o entendimento se construa na solidariedade, na inclusão e na aceitação da diferença, tema este que será também desenvolvido na Unidade 7 de OTP deste módulo.
- Por fim, refletimos sobre o desenvolvimento pela criança de sua capacidade de fazer de conta, retomando algumas questões já abordadas em *Fundamentos da Educação* deste volume. Nesta parte, vale destacar que o brincar também se desenvolve, tornando-se mais sofisticado e complexo à medida que a criança cresce.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Orientações para a prática pedagógica

Várias são as atividades possíveis que podem favorecer os encontros entre as crianças. Ocorre também uma situação muito rica quando podemos integrar família e creche em atividades gostosas que envolvam criação, arte, troca. Aqui vai uma sugestão: que tal convidar os pais para uma atividade musical? Você pode chamá-los para cantar e dançar as cantigas de roda de suas infâncias. Temos certeza que a alegria vai ser contagiante!

As crianças adoram música! É muito importante que possamos não apenas cantar as músicas que fazem parte do repertório voltado para a criança, mas também que possamos, na medida do possível, trazer músicas de diferentes tipos para serem escutadas e apreciadas pelo grupo. É interessante, inclusive, construir instrumentos com as crianças utilizando materiais de sucata ou aqueles encontrados na natureza. Com uma lata e diferentes tipos de sementes, podemos fazer chocalhos; com cascas de coco divididas em metades, lixadas e pintadas, podemos fazer um instrumento musical, com um pedaço de arame grosso e tampinhas furadas podemos fazer guizos; com um pedaço de cabo de vassoura ou madeira, com diversos talhos feitos a uma pequena distância um do outro e uma vara fina de madeira, podemos fazer um reco-reco.



Gostasas brincadeiras envolvendo corpo, ritmo e movimento podem ser propostas tendo a música como estímulo! Dançar livremente ao sabor do ritmo, brincar de roda, explorar movimentos de diferentes partes do corpo, rolar, pular, brincar com as possibilidades de movimento.

Além disto, você pode convidar também um dos pais que toque algum instrumento para visitar a turma na instituição! Violão, pandeiro, berimbau etc. Com certeza algum músico da comunidade poderá contribuir levando um pouco de sua experiência para o grupo. Vale a pena também resgatar as músicas tradicionais que as famílias conhecem. Você pode conversar com pais e avós e perguntar sobre as músicas de sua infância, ampliando o repertório do grupo. Não é uma boa idéia?

GLOSSÁRIO

Patrimônio Cultural: o conjunto de saberes, práticas, crenças, e valores de um determinado grupo social.

SUGESTÕES DE LEITURA

BARROS, M. *Memórias inventadas da infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

KISHIMOTO, T. M. (org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998.

NICOLAU, M. L. M., DIAS, M. C. M. (org.) *Oficinas do sonho e realidade na formação do educador da infância*. São Paulo: Papirus, 19??

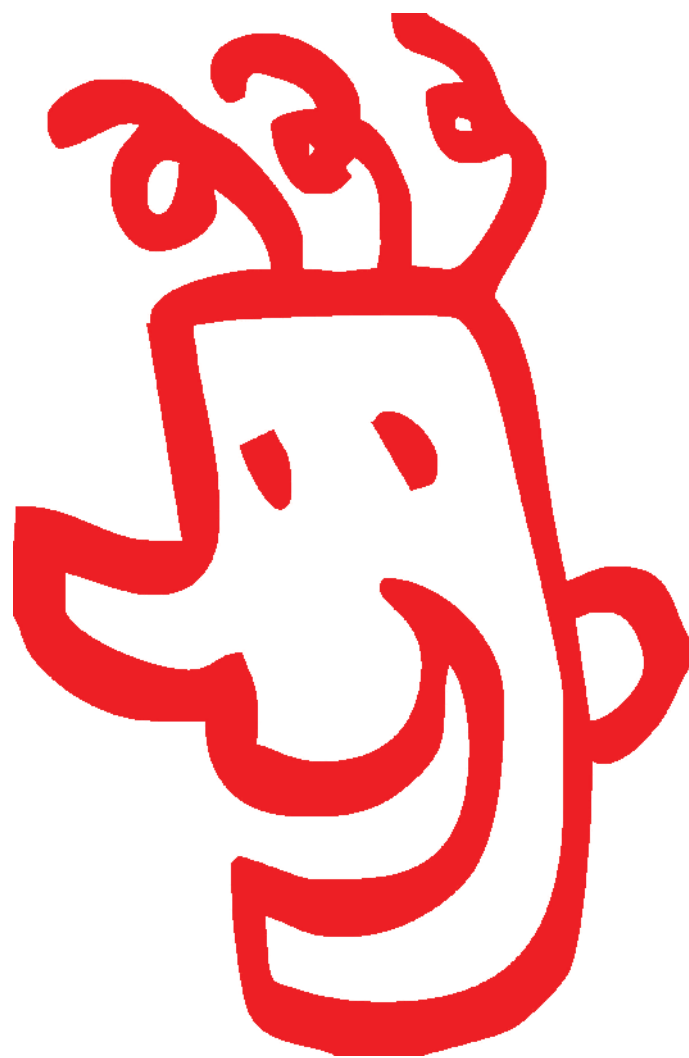
ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (org.) *Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 19??

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

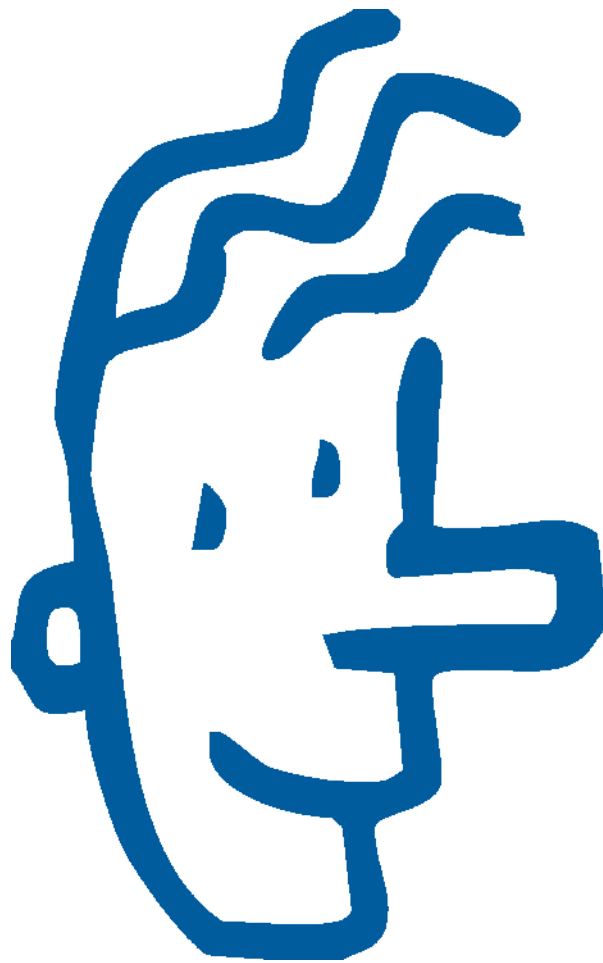
BARROS, M. *Memórias inventadas da infância*. São Paulo: Planeta, 2003.


COELHO, M. T. F., PEDROSA, M. I. *Faz de conta: construção compartilhada de significados*. In: OLIVEIRA, Z. M. R. *A criança e seu desenvolvimento – perspectivas para se discutir a educação infantil*. São Paulo: Cortez, 1997.

POUGY, E. *Criança e Arte: descobrindo as artes visuais*. São Paulo: Editora Ática, 2001. vol. 4.



C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





Na Unidade 5 de **Fundamentos da Educação** e de **Organização do Trabalho Pedagógico** deste Módulo II, você estudou o papel da imitação no desenvolvimento infantil e viu como as instituições de Educação Infantil podem favorecer esse processo.

A cena que apresentamos a seguir foi discutida na Unidade 5 de OTP do Módulo II.

Cena 3

Quando uma música vem de fora da sala (onde crianças da creche almoçavam) é ouvida, Katarina (16 meses) sorri e bate as palmas das mãos ritmicamente na mesa, olhando para Fernanda (19 meses). Em seguida, repete os gestos. Fernanda bate as palmas de suas mãos na mesa, observada por Katarina. Depois as duas meninas batem as palmas das mãos na mesa, rindo. Fernanda apóia o cotovelo na mesa e olha para a educadora que se aproxima, enquanto Rosa (17 meses) balança a cabeça de Katarina. Esta balança sua cabeça no ritmo da música, batendo as palmas das mãos na mesa. Fernanda bate de leve e rapidamente a mão direita nos próprios lábios, enquanto grita: "O, o, o, o!". Katarina imita Fernanda por um instante e novamente bate as palmas das mãos na mesa. Uma educadora aproxima-se e dá às crianças seus pratos de comida.

PAULA, E. M. A. T., OLIVEIRA, Z. M. R. *Comida diversão e arte: o coletivo infantil no almoço na creche*. In: OLIVEIRA, Z. M. R. *A criança e seu desenvolvimento – perspectivas para se discutir a educação infantil*. São Paulo: Cortez, 1997.

Nossa proposta agora é que você faça uma análise da situação apresentada no quadro acima, considerando alguns conceitos trabalhados na Unidade 5 de **Fundamentos da Educação** deste mesmo Módulo II. Para isso, sugerimos que na orientação de seu trabalho, você siga o roteiro que apresentamos a seguir:

Antes do encontro quinzenal:

1. *A releitura da Unidade 5 de Fundamentos da Educação do Módulo II é o primeiro passo para que você possa realizar a atividade. Ao fazer essa relei-*

tura, pense na situação apresentada na Cena 3. Se desejar, vá marcando no texto as partes que você percebe que se relacionam à cena apresentada.

- 2. Anote um parágrafo da Unidade 5 do texto de **Fundamentos da Educação** que, na sua opinião, explique o que está acontecendo na Cena 3.*

Durante o encontro quinzenal:

- 1. Reúna-se em dupla ou trio com colegas de seu grupo do PROINFANTIL. Juntos(as), respondam as seguintes questões:*

*Na Unidade 5 de **Fundamentos da Educação** lemos que “As crianças encontram rapidamente as ações adequadas para participar de um jogo ou brincadeira”. Isso acontece na Cena 3? Como? Utilizem, para formular a resposta, o parágrafo anotado antes do encontro quinzenal.*

- 2. Apresentem oralmente as respostas formuladas pelos grupos para as perguntas acima.*



